

Editorial

SINAL DE
VITALIDADE

A política é uma atividade sempre surpreendente, desde que seja praticada como deve ser, sem apelar para aqueles arranjos com que os políticos, em todos os tempos, querem domesticá-la, tornando previsíveis seus resultados, à revelia da sociedade e de seus cidadãos.

A reflexão é inevitável diante do último lance da política brasileira – a jogada da ex-ministra Marina Silva, de um projeto de partido, a Rede Sustentabilidade, aliando-se ao governador de Pernambuco, Eduardo Campos, do PSB, para, tudo indica, disputar as eleições presidenciais de 2014.

A aliança dá margem a incontáveis desdobramentos, mas uma consequência altamente positiva já se verifica: a oxigenação da política brasileira, até agora atravessada por negociações as mais extravagantes, tendo em vista exclusivamente a manutenção do status quo.

Enquanto os políticos costumavam alianças, trocavam de partido, atraíam celebridades, até criavam novas agremiações, tudo em função de seus interesses políticos, sem nenhuma preocupação com a sociedade, surge uma força para bagunçar o coro dos contentes.

A eventualidade veio trazer um novo alento à sociedade, comprovando que, não obstante a acomodação dos políticos, é possível fazer política maiúscula, introduzindo um elemento novo no debate que ameaçava se repetir: o da polarização entre PT e PSDB.

O fenômeno é recorrente na política: a dialética que extrai, do próprio bojo do poder, os elementos da sua destruição. Marina era do PT, e Campos foi aliado do governo até outro dia. Ambos representam uma terceira alternativa num quadro que se desenhava acabado.

Mas, para vingar, essa aliança terá de se apresentar como uma verdadeira oposição, mesmo que acalente, reservadamente, a tentação de herdar parte do espólio lulista. O Brasil reclama um novo discurso que a oposição, esgotada, não estava conseguindo verbalizar.

O novo quadro é um sinal da vitalidade da política brasileira.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO**
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

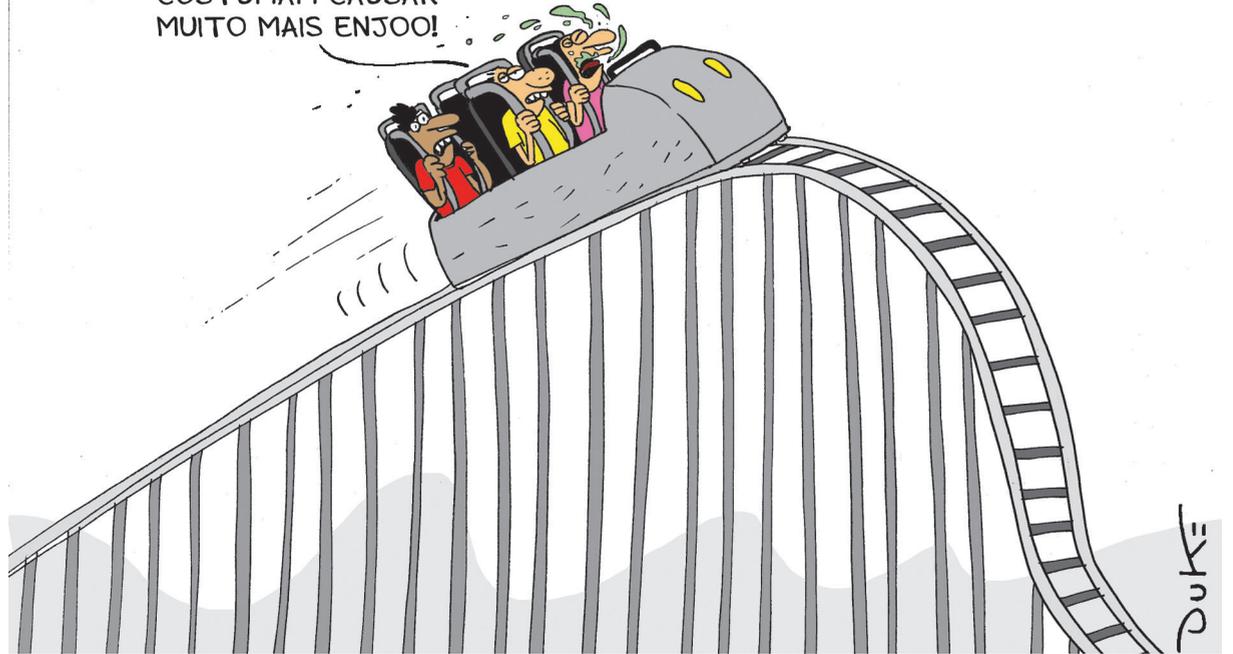
Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

ACREDITE! CERTAS
ALIANÇAS POLÍTICAS
COSTUMAM CAUSAR
MUITO MAIS ENJOO!



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A poesia e a música de Vinicius de
Moraes são de encanto eterno

Não o imagino centenário, embora não esteja mais conosco

Vinicius de Moraes personifica bem o dito por Guimarães Rosa: “O mundo é mágico. As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Não imagino Vinicius morto nem centenário (19.10.1913), embora não esteja mais conosco há 33 anos (9.7.1980). Sua obra poética e musical são de um encanto eterno e atual; e qualquer coisa que se escreva sobre ele já foi dita por outras pessoas.

Se tivesse de escolher um escrito magistral sobre Vinicius de Moraes seria a crônica de Carlos Drummond de Andrade “A música popular entra no paraíso”, um diálogo imaginário de Deus com São Pedro:

“Deus: – Quem é este baixinho que vem aí, ao som do violão, de copo cheio na mão?”

São Pedro: – Senhor, pelos indícios, só pode ser o vosso servo Vinicius, Menestrel da Gávea e dos amores inumeráveis.

Deus: – Será que ele vem fazer alaiúza no céu, perturbando o coro dos meus anjos-cantores, diplomados pela Schola Cantorum do mestre são Jorge, o Grande?

São Pedro (hesitante): – Bem... Eu acho, com a devida licença, que ele traz um som novo, mais terrestre, menos beatífico, é certo, mas com uma suavidade brasileira inspirada nos seresteiros seus avós, os quais já têm assentos cativos junto ao vosso trono, Senhor. Coisa mui digna de vossa especial atenção.

Deus: – Hum, hum...

São Pedro: – Posso continuar, Senhor?

Deus: – Vá dizendo, Pedro. É sabido que você tem um fraco por essa gente que canta de noite, esteja ou não pescan-

do, principalmente não estando.

São Pedro: – Pois eu digo, Senhor, que esse baixinho aí, todo simpatia e delicadeza, é um de vossos bons servidores na Terra, pois combateu a maldade pela ternura, a injustiça pela fraternidade, e compôs os cânticos profanos que, elevando o coração dos ouvintes, fazem o mesmo que os cânticos sagrados” (...).

Se tivesse de escolher um poema dele, teria dúvidas, pois os sonetos são de uma doce ternura ímpar, mas se é mesmo para escolher só um, seria “O dia da criação”:

“Hoje é sábado, amanhã é domingo/A

“Só a poesia pode salvar o mundo de amanhã. (...) E o povo então poderá cantar seus próprios cantos, porque os poetas serão em maior número...”

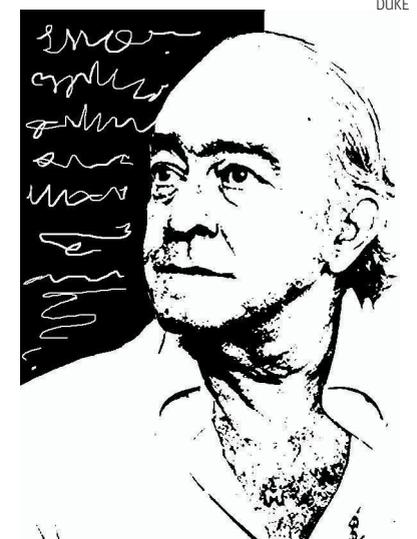
vida vem em ondas, como o mar/Os bondes andam em cima dos trilhos/E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na Cruz para nos salvar.

Hoje é sábado, amanhã é domingo/ Não há nada como o tempo para passar/ Foi muita bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo/Mas por via das dúvidas livrai-nos meu Deus de todo mal...

Impossível fugir a essa dura realidade/ Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios/Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas/Todos os maridos estão funcionando regularmente/ Todas as mulheres estão atentas/ Porque hoje é sábado”...

Na crônica “A transfiguração pela poe-

sia”, Vinicius disse: “Só a poesia pode salvar o mundo de amanhã. E como que é possível senti-la fervilhando em larvas numa terra prene de cadáveres. Em quantos jovens corações, neste momento mesmo, já não terá vibrado o pasmo da sua obscura presença? Em quantos rostos não se terá ela plantado, amarga, incerta esperança de sobrevivência? Em quantas duras almas já não terá filtrado a sua claridade indecisa? Que langor, que anseio de voltar, que desejo de fruir, de fecundar, de pertencer, já não terá ela arrancado de tantos corpos parados no antemomento do ataque, na hora da derrota, no instante preciso da morte? E a quantos seres martirizados de espera, de resignação, de revolta já não terão chegado às ondas do seu misterioso apelo? (...) A esse mundo, só a poesia poderá salvar (...) E o povo então poderá cantar seus próprios cantos, porque os poetas serão em maior número e a poesia há de velar”.



DUKE